

O Ocidente como ordem política



Por **TARIK CYRIL AMAR***

Há paralelos arrepiantes entre o sofrimento de Julian Assange e o dos civis de Gaza

Recentemente, duas das injustiças mais marcantes do Ocidente contemporâneo foram objeto de processos judiciais. E embora uma envolva assassinato em massa e a outra a tortura ainda que não o assassinato de uma única vítima (pelo menos por enquanto), há boas razões para justapor sistematicamente as duas. O sofrimento envolvido é diferente, mas as forças que o causam estão intrinsecamente ligadas e, como veremos, revelam muito sobre a natureza do Ocidente como ordem política.

Em Haia, o Tribunal Internacional de Justiça (TIJ) da ONU - também conhecido como Corte Internacional - realizou extensas [audiências](#) (envolvendo 52 Estados e três organizações internacionais) sobre a ocupação - ou a anexação de fato - dos territórios palestinos pós-1967 por Israel. Embora não sejam a mesma coisa, estas audiências estão relacionadas com o processo de genocídio contra Israel, também em curso atualmente no Tribunal Internacional de Justiça.

Tudo isto ocorre num contexto de genocídio implacável dos palestinos por Israel, através de bombardeios, disparos ([incluindo alegadamente crianças pequenas, na cabeça](#)), bloqueio e fome. Até o momento, a contagem do número de vítimas, em constante crescimento e de modo conservador, é de cerca de 30.000 mortos, 70.000 feridos, 7.000 desaparecidos e pelo menos dois milhões de deslocados, muitas vezes mais de uma vez, sempre em condições horríveis.

Em Londres, os Tribunais Reais de Justiça têm sido o palco da luta de Julian Assange por um recurso contra a exigência de Washington de extraditá-lo para os EUA. Julian Assange, um ativista e editor de jornalismo investigativo, já está em confinamento - de uma forma ou de outra - há mais de uma década. Desde 2019, está detido na prisão de alta segurança de Belmarsh. De fato, o que já lhe aconteceu é o equivalente moderno de ser trancado na Bastilha por uma "*lettre de cachet*" real na França absolutista, pré-revolucionária, do Antigo Regime. Vários observadores, incluindo um relator especial da ONU, argumentaram de forma convincente que o tratamento de Julian Assange equivale à [tortura](#).

A essência de sua perseguição política - na verdade, não há um caso legal de boa-fé - é simples: através de sua plataforma *WikiLeaks*, Julian Assange publicou vazamentos de informações que expuseram a brutalidade, a criminalidade e as mentiras das guerras dos [EUA e do Reino Unido](#) (e, de modo mais geral, do Ocidente) após o 11 de setembro. Embora o vazamento de segredos de Estado não seja legal - ainda que possa ser moralmente obrigatória e até heroica, como no caso de Chelsea Manning, que foi uma das principais fontes do *WikiLeaks* -, a publicação dos resultados desses vazamentos é legal.

De fato, este princípio é um pilar reconhecido da liberdade e independência dos meios de comunicação. Sem ele, a mídia não pode desempenhar qualquer tipo de função de vigilância. No entanto, Washington está obstinada e absurdamente tentando tratar Assange como um espião. Se o conseguir, a "[liberdade global da mídia](#)" (se é que vale de alguma coisa...) está frita. É isto que faz de Julian Assange, objetivamente, o prisioneiro político mais importante do mundo.

a terra é redonda

Se for extraditado para os Estados Unidos, cujos mais altos funcionários já planejaram inúmeras vezes seu [assassinato](#), o fundador do *WikiLeaks* definitivamente não terá um julgamento justo e morrerá na prisão. Nesse caso, seu destino se transformará irreversivelmente naquilo em que Washington e Londres têm trabalhado há mais de uma década, ou seja, fazer dele um exemplo, desferindo o golpe mais devastador que se possa imaginar contra a liberdade de expressão e uma sociedade verdadeiramente aberta.

O fato de Gaza e Julian Assange terem algo em comum já foi notado [por mais de um observador](#). Ambos representam uma pletora de patologias políticas, incluindo a crueldade impiedosa, a “justiça” politizada, a desinformação dos meios de comunicação em massa e, por último, mas não menos importante, a velha especialidade do “jardim” ocidental, a hipocrisia máxima.

Há também o sentido americano grotescamente arrogante de direito global: os direitos dos palestinos ou, na verdade, sua humanidade não valem de nada se Israel, o aliado mais próximo e sem lei de Washington, quiser suas terras e suas vidas. Julian Assange, claro, é um cidadão australiano.

Julian Assange e Gaza também se relacionam de modo concreto: embora haja uma subtrama da [Fúria Russa \(também conhecida como “Russiagate”\)](#) na campanha de vingança de Washington contra o fundador da *WikiLeaks*, ele é mais odiado pelo fato de ter ousado mostrar ao mundo até que ponto os EUA e seus aliados têm sido cruéis e sanguinários em suas guerras no Oriente Médio, a mesma região em que Washington é agora, pelo menos, um cúmplice indispensável, ou mesmo um coautor do genocídio de uma população que é majoritariamente (embora não exclusivamente) muçulmana e “morena”.

No entanto, há outro aspecto do complexo Gaza-Assange que não devemos perder de vista. Em conjunto, estes dois grandes crimes de Estado revelam um padrão, uma síndrome que aponta para o tipo de ordem política real que está sendo desenvolvida agora no Ocidente.

Algumas coisas são óbvias: em primeiro lugar, embora seja sempre mais uma aspiração do que uma realidade, o Estado de direito (nacional e internacional) está comprometido de uma forma particularmente flagrante. É como se o Ocidente *quisesse* que soubéssemos que não dá a mínima para a lei.

Basta considerar dois fatos: mesmo depois do Tribunal Internacional de Justiça ter dado instruções (aqui designadas por “medidas preliminares”) a Israel que teriam, de fato, posto fim à maior parte de seu ataque genocida se fossem obedecidas, Israel simplesmente não as cumpriu. E seus parceiros no Ocidente juntaram-se a ele de forma demonstrativa neste desafio, entre outras coisas, ajudando Israel a dismantelar a UNRWA, tornando, assim, ainda pior o bloqueio de fome em Gaza. Quanto a Julian Assange, sua mulher Stella, que é advogada, declarou da melhor forma ao observar que todos os abusos flagrantes em relação a seu marido estão “registrados publicamente e, no entanto, continuam”.

Em segundo lugar, o Ocidente não é, de fato, um “jardim” ordenado, mas sim uma “selva” feroz de grupos e *establishments* de cooperação, e também de interesses rivais. Está retoricamente obcecado em celebrar não apenas seus chamados “valores”, mas também sua unidade. Entretanto, na realidade, isso é uma indicação de quão precária essa unidade realmente é. O mesmo acontece com o uso crescente pelo Ocidente de campanhas de medo, exagerando massivamente ou mesmo inventando ameaças do exterior (Rússia e China são os principais alvos desta técnica) e, ao mesmo tempo, negando até a possibilidade de diplomacia e comprometimento.

Ao mesmo tempo, este é o mesmo Ocidente cujos membros chegaram agora à fase de [explodir](#) a infraestrutura vital uns dos outros e de [canibalizar as economias uns dos outros](#). Para não falar da [espionagem mútua](#) e, certamente, da chantagem mútua com as informações comprometedoras produzidas por essa espionagem.

Em terceiro lugar, o Ocidente, ao mesmo tempo em que desrespeita e infringe suas próprias leis – para não falar dos “valores” e das “regras” que professa –, de alguma forma ainda é capaz de atuar e causar danos como uma máquina vasta, mesmo que nem sempre bem coordenada, quando faz valer seus interesses vorazes – e muitas vezes mal concebidos.

a terra é redonda

Que tipo de ordem política é esta? Creio que nossa melhor aposta para avaliar este Ocidente selvagem, mas colaborativo, sem lei, mas baseado em instituições, é recuar muito no tempo, até os conceitos-chave de dois dos primeiros e brilhantes analistas da Alemanha nazista, Franz Neumann e Ernst Fraenkel. A chave de Franz Neumann para compreender a bagunça violenta que foi o Terceiro Reich foi imaginá-lo como um Behemoth, no sentido do filósofo político inglês e pessimista nato Thomas Hobbes. Ao contrário do *Leviatã* quase perfeitamente autoritário de Hobbes, seu *Behemoth*, explicou Franz Neumann, representava um Estado que era, na realidade, um “não-Estado, uma situação caracterizada pela completa ausência de lei”. Ernst Fraenkel sugeriu um modelo diferente. Para ele, a Alemanha nazista podia funcionar, apesar de seu caos interior, porque era ao mesmo tempo um Estado que ainda tinha leis (embora muitas vezes injustas) e um Estado que impunha medidas, livre de restrições legais.

É claro que o Ocidente atual não é literalmente o equivalente do Reich nazista. Embora, se considerarmos que é cúmplice do genocídio em curso por parte de Israel, perceberemos que não se igualar aos nazistas é uma linha muito tênue - e pouco consolo para um pai ou mãe palestinos cuja criança acaba de ser deliberada e lentamente levada à morte pela fome, por exemplo. Em outro detalhe, Franz Neumann rejeitou a teoria de Ernst Fraenkel por, essencialmente, equiparar a um sistema o Estado-monstro alemão. Mas os acadêmicos são acadêmicos.

O ponto mais importante é que é impossível não ver tendências notáveis e perturbadoras no Ocidente contemporâneo que ressoam tanto no *Behemoth* de Franz Neumann como no estado de leis e medidas de Ernst Fraenkel, ou, se quisermos, de regras e arbitrariedade. Chocante? Claro que sim. Exagerado? Aqueles que continuam dizendo isso para si mesmos terão um duro despertar caso se encontrem onde estão os palestinos e Julian Assange, em suas diferentes formas: no mesmo lado negro daquela que é provavelmente a ordem política mais desonesta e pouco confiável do mundo neste momento.

**Tarik Cyril Amar, doutor em história pela Universidade de Princeton, é professor da Universidade Koç (Istambul). Autor, entre outros livros, de The Paradox of Ukrainian Lviv (Cornell University Press).*

Tradução: **Fernando Lima das Neves**

Publicado originalmente no portal [RT](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)